

**A COBIÇA E O COLAPSO NA MARCHA DE RUBIÃO EM
QUINCAS BORBA**

**GREED AND COLLAPSE IN THE MARCH OF RUBIÃO IN *QUINCAS
BORBA***

CODICIA Y COLAPSO EN LA MARCHA DE RUBIÃO EN QUINCAS BORBA

Francigelda Ribeiro

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora da Faculdade do Vale do Itapecuru – FAI e da Rede de Educação Estadual do Maranhão.
francigelda@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0001-6820-9861>

Recebido: 22/08/2021; Aceito: 12/12/2021; Publicado: 30/12/2021.

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura do romance *Quincas Borba* de Machado de Assis, a partir de uma proposta analítica de caráter estruturalista respaldada em três eixos – 1) Ritual de passagem, 2) O *grand monde* e 3) Marcha para a lua – que permitem refletir acerca da trajetória social de um dos personagens centrais do romance, Rubião, que, ao receber uma herança, torna-se um novo rico, contudo, por não entender acerca das regras do sistema social no qual vai se inserir, vivencia um processo de fracasso social, afetivo e pessoal. A perspectiva metodológica se deu por meio de uma abordagem crítica na qual foram priorizados os elementos intrínsecos da obra, colocando como centro do debate elementos da própria estrutura narrativa. Desse primado, resultou uma apreciação dos elementos formadores do campo de batalha e os elementos de tensão que levam à ruína do personagem Rubião.

Palavras-chave: Quincas Borba; Análise social; Ritual de Passagem.

ABSTRACT

This article presents a reading of the novel *Quincas Borba* by Machado de Assis, based on an analytical proposal of a structuralist nature supported by three axes – 1) Ritual of passage, 2) The grand monde and 3) March to the moon – which allow us to reflect about the social trajectory of one of the central characters of the novel, Rubião, who, upon receiving an inheritance, becomes a nouveau riche, however, because he does not understand the rules of the social system in which he will be inserted, he experiences a process of failure social, affective and personal. The methodological perspective took place through a critical approach in which the intrinsic elements of the work were prioritized, placing elements of the narrative structure at the center of the debate. This primacy resulted in an appreciation of the elements that form the battlefield and the elements of tension that lead to the downfall of the character Rubião.

Keywords: Quincas Borba; Social analysis; Rite of Passage.

RESUMEN

Este artículo presenta una lectura de la novela *Quincas Borba* de Machado de Assis, a partir de una propuesta analítica de carácter estructuralista sustentada en tres ejes – 1) Ritual de paso, 2) El gran mundo y 3) Marcha a la luna – que permiten a reflexionar sobre la trayectoria social de uno de los personajes centrales de la novela, Rubião, quien, al recibir una herencia, se convierte en un nuevo rico, sin embargo, porque no comprende las reglas del sistema social en el que se insertará, vive un

proceso de fracaso social, afectivo y personal. La perspectiva metodológica se dio a través de un abordaje crítico en el que se priorizaron los elementos intrínsecos de la obra, colocando elementos de la estructura narrativa en el centro del debate. Esta primacía resultó en una apreciación de los elementos que forman el campo de batalla y los elementos de tensión que conducen a la caída del personaje Rubião.

Palabras clave: Quincas Borba; Análisis sociales; Rito de paso.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propõe-se uma análise de caráter estruturalista do romance *Quincas Borba* de Machado de Assis, com ênfase em três aspectos da trajetória de Rubião – uma das personagens centrais do enredo: 1) Ritual de passagem, 2) O *grand monde* e 3) Marcha para a lua. Essas etapas remetem, respectivamente, ao processo de ascensão, permanência e declínio do personagem Rubião em um *campo de batalha* plasmado ao longo da tessitura da narrativa.

Em uma escritura visceral, Machado compõe um universo de alegorias do qual emergem as três principais personagens da narrativa: Rubião, Palha e Sofia. Rubião se tornou o herdeiro universal do filósofo Quincas Borba. Irmão da noiva de Quincas, falecida antes do casamento, tornou-se seu ente mais próximo, ao abdicar do trabalho como professor, passou a dedicar-se, exclusivamente, aos cuidados para com a saúde de Quincas. Aberto o testamento, após a morte do filósofo, Rubião estava nomeado como seu herdeiro universal, todavia a posse dos bens só se faria sob a condição de o herdeiro ficar com a guarda do cachorro de estimação do filósofo que tinha o mesmo nome do dono, Quincas Borba.

A caminho do Rio de Janeiro, cidade onde decidiu morar na condição de novo rico, Rubião conheceu Palha e Sofia. O casal entrou no trem, na estação da cidade de Vassouras, encontrando lugar defronte ao assento de Rubião. Os olhares, o semblante plácido de Palha e o incontido desejo de Rubião de tornar pública a herança que recebeu do filósofo, fizeram romper o silêncio entre eles. Fluíram as primeiras palavras sobre o progresso das estradas, da Corte, enfim sobre o progresso de Rubião, que discorreu sobre o testamento, com orgulho. A transparência das palavras denunciou sua ingenuidade de provinciano inexperiente – aspecto que já prenuncia a formação do campo cêntrico do enredo, *locus* onde serão contrapostos os ideais dos personagens.

Considerando os episódios que se armam na narrativa, a presente análise baseada na tensão gerada a partir do relacionamento entre Rubião e os membros da elite carioca com quem passou a conviver, volta-se para o embate ocasionado pelo desejo de ascensão social

e econômica desse personagem e seu despreparo diante do jogo de poder no qual se inserem os demais que lutavam para entrar ou permanecer na elite cosmopolita. A expressão *campo de batalha*, está sendo, aqui, adotada por se relacionar com as opções semânticas do próprio romance, sobretudo no que tange à alegoria das tribos, fulcro do enredo, exposta pelo filósofo Quincas Borba: um combate entre duas tribos por uma plantação de batatas que só daria para alimentar apenas uma delas. No caso, a paz traria a destruição de ambas e a guerra, a conservação de uma delas. É desse conflito, no qual venceu a mais forte, que surge a máxima: ao vencedor, as batatas. Expressão que Rubião, se não a entendeu quando Quincas Borba lhe explicava sua filosofia, o Humanitismo, clamava-a em alta voz após a abertura do testamento. Feliz, pensou que com aquele início sairia vencedor ao final.

RITUAL DE PASSAGEM

O primeiro aspecto do *campo de batalha* na construção do romance – ritual de passagem – se desenvolve no capítulo vinte e sete e consta do relato acerca da ascensão social de Rubião: do momento em que o testamento é aberto até a sua inserção nos salões da Corte, ocasião em que o narrador demarca sua transição de personagem pobre ao *grand monde* dos capitalistas especuladores.

Percebendo que sua vida seria outra a partir de então, já não mais se julgava um indivíduo comum; estando rico e poderoso, deveria ser duro e implacável para com as pessoas à sua volta, a fim de que elas percebessem o poder que, doravante, detinha. O trânsito de uma classe social a outra, ao passo que lhe enaltecia o ego, aguçava-lhe a imaginação.

Era tempo de acabar com as raízes pobres e secas, que apenas enganavam o estômago, triste comida de longos anos; agora o farto, o sólido, o perpétuo, comer até morrer, e morrer em colchas de seda, que é melhor que trapos. E voltava à afirmação de ser duro e implacável, e à fórmula da alegoria. Chegou a compor de cabeça um sinete para seu uso, com este lema: AO VENCEDOR AS BATATAS (ASSIS, 1994, p. 37).

Eis o levante impetuoso da personagem que já se sentia um inexorável capitalista. Havia no testamento a cláusula da guarda do cão, ele só poderia tomar posse dos bens se cuidasse do cão, que levava o mesmo nome do filósofo, Quincas Borba, entretanto ele estava certo de que ficaria rico sim, “ainda que o céu viesse a baixo” (ASSIS, 1994, p. 34). Depois emendou que tudo daria certo, mas com a ajuda de Deus, arrependendo-se da

audácia do pensamento anterior. Quantos o insultaram ao chamá-lo de “sentinela de cachorro”, mas agora viam o resultado, o amigo Quincas não o esquecera no testamento. Rubião esteve ao seu lado ao longo de toda a enfermidade como bom amigo; mas sem descartar a possibilidade de algum legado. Tornar-se herdeiro universal, no entanto, superava sua expectativa de receber dez ou apenas cinco contos como retribuição pelos cuidados dispensados.

Rubião mandou que uma missa fosse rezada pela alma do finado, embora soubesse que o testador não era dado à religião alguma, mas era uma oportunidade de desdenhar daqueles que o insultaram. Ele passava a pertencer a uma nova classe social, portanto queria sentir, efetivamente, a glória da transição. “Se algumas pessoas deixaram de comparecer, para não assistir à glória do Rubião, muitas outras foram, – e não da rale, – as quais viram a compunção verdadeira do antigo mestre de meninos” (ASSIS, 1994, p. 38).

Na capital, a conclusão do inventário coroou todos os anos em que se dedicara ao filósofo. Dado o sucesso dos trâmites legais, a comemoração se deu com um jantar concedido por Cristiano Palha, que se dispusera a ajudá-lo em tudo quanto fosse preciso, desde que desceram do trem. Na ocasião do inventário, Palha já se achava íntimo do novo rico, inclusive, foi sua a indicação do advogado que garantiu o desfecho bem-sucedido da causa.

Rubião hesitou em aceitar o convite de Palha para tal jantar, por ter vexame com as senhoras, mas tomou a promessa que fizera a si próprio de ser forte e implacável, e encorajando-se, rumou à Santa Teresa, onde morava Palha com sua esposa Sofia. No jantar, um sentimento de plenitude irradiava todo o semblante de Rubião diante dos novos amigos que se mostravam solícitos e afetuosos, foram-lhe apresentados por Palha, naquela comemoração que marcava o seu ritual de passagem para o mundo dos capitalistas.

O narrador, nessa ocasião, demonstra com detalhes e com acentuado sadismo o jogo de interesse mantenedor das regras que regiam as relações sociais naquela elite burguesa, que acolhia Rubião. A esse propósito, Alfredo Bosi escreve no seu livro *História concisa da literatura brasileira*:

Em longos ziguezagues se vão delineando o destino do pobre Rubião e a vileza bem composta do mundo onde triunfam Sofia e o marido; e não sei de quadro mais fino da sociedade burguesa do Segundo Reinado de que este, composto a modo de um mosaico de atitudes e frases do dia a dia. Desse mundo é expulso com metódica dureza o louco, o pobre, o diferente (BOSI, 1999, p. 181).

De posse dos bens, seguiu a mudança de Rubião para uma casa em Botafogo. Além da casa nova, vieram novos costumes, ele passou a frequentar os nobres salões, as

recepções, o teatro, enfim locais adequados à sua nova posição social, tudo com o auxílio do casal que o rodeava de favores. Para Rubião, Palha e Sofia eram, de fato, um grande presente do acaso, principalmente a mulher, que tinha “os mais belos olhos do mundo” (ASSIS, 1994, p. 42).

Rubião se sentia benquistado por todos e deslumbrava, com felicidade, o seu novo *status* social. “Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha [...], para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade” (ASSIS, 1994, p. 20).

Todavia nada lhe era mais sedutor do que a bela Sofia, a quem Rubião mais desejava submeter a essa sensação de propriedade. Não conseguia afastar de si a imagem da esposa do amigo, um sentimento de culpa chegou a abater seus pensamentos, contudo eram tantas as gentilezas da senhora, que principiou em Rubião a suspeita de que ela o amava, “não era velho; ia fazer quarenta e um anos” (ASSIS, 1994, p. 20), portanto julgava que era possível que Sofia tivesse por ele um sentimento mais profundo. Desde a estrada de ferro, ele se encantou, sobretudo, com os olhos dela, conquanto gostasse mais dos ombros, que pareciam feitos de cera, cujo encanto só pôde deslumbrar, posteriormente, em um baile. Os olhos, o par de olhos exuberantes pareciam “repetir a exortação do profeta: Todos vós que tendes sede, vinde às águas” (ASSIS, 1994, p. 21).

No entanto, o narrador esclarece que se ela possuía olhos convidativos eram tão somente convidativos, como janelas abertas, porque a porta, “se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada” (ASSIS, 1994, p. 53). A personagem Rubião, por seu turno, descuidava-se das interdições aos seus sentimentos e mergulhava na paixão guiado tão somente pelo encanto dos olhos de Sofia que eram como uma fonte a saciar sua carência de homem solitário.

Desde então, iniciou-se um processo de negligência em relação à sua postura, enquanto capitalista. Adotou comportamentos que denunciavam seu despreparo no universo daquela sociedade. Mal chegado ao campo de batalha, já se perdia diante do encanto da esposa de Palha, atitude que lhe ofuscava sua visão de negócios.

O GRAND MONDE

Esse encanto, ou mais sinestesticamente, esse canto de sereia que seduzia Rubião marca a transição ao segundo momento da configuração analítica, aqui, proposta. Tendo início no capítulo 28, essa etapa segue até o capítulo 144. Competia a Rubião uma posição

estratégica como membro da elite, uma vez que era visado pela fortuna que possuía: “casas na corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amodado, livros” (ASSIS, 1994, p. 33). Não obstante, seus hábitos demonstravam total despreparo no comando da própria riqueza.

A ingenuidade remetia Rubião a composturas inadequadas, facilitando investidas adversas, como os empréstimos de valores quase nunca restituídos. Não correspondia à lógica burguesa. E seu caminho começa e se tornar disforme. Nesse sentido, vale retomar o comentário de Raymundo Faoro em seu livro *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*:

Entrega-se à ociosidade, não mais a elegante ociosidade, mas a reles, vítima da exploração dos amigos do homem rico, e não modera seus gastos. Ao seu lado, não mais existem os beneficiários de rendas – os tempos são outros. [...] Rodeado de um outro mundo voraz e impiedoso da especulação, aventura-se em empresas com bases falsas (FAORO, 2001, p. 233).

Percebendo-se como o ponto central das relações do grupo, visto que todos vinham a ele, Rubião se iludiu com a aparência dos bajuladores e desprezou a implacabilidade que, outrora, prometeu a si próprio, desencadeando um processo ininterrupto de desequilíbrios: deixou-se dominar pela paixão que nutria por Sofia; concedeu o comando dos seus negócios a Cristiano Palha e abriu sua casa a políticos e comensais bajuladores, deixando seu capital se esvaír, sorrateiramente, por meio de empréstimos, doações, títulos, bem como pelas compras de joias e de outros presentes para Sofia.

No aã do seu autocentramento, começou a buscar evidências no comportamento de Sofia que justificasse a reciprocidade dos seus sentimentos: “Se aquilo não é gostar, não sei o que seja gostar. Aperta-me a mão com tanto agrado, com tanto calor...” (ASSIS, 1994, p. 43). E, submerso nessas conjecturas, foi até o jardim, para soltar o cão, Quincas Borba. Abrindo-lhe a porta, o cão saiu pulando com muito entusiasmo, chegou a lambar a mão do dono que lhe retribuiu com um soco. O cão recuou, mas vendo Rubião estalar os dedos, voltou-se a ele com a mesma alegria. Pulava e corria, saboreando a liberdade, sem perder o seu senhor de vista. “Tem o sentimento da confiança [...] Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é” (ASSIS, 1994, p. 44).

Rubião e Quincas Borba se satisfaziam apenas com a suposição de serem amados. O gesto para com o cão aconteceu antes de Rubião receber uma cesta de frutas com uma carta assinada por Sofia, que veio a lhe dar coragem para confessar seu amor por ela.

Os morangos cobertos por um lenço acompanhados de um convite para o jantar chegaram após um almoço no qual Rubião recebia dois convidados Freitas e Carlos Maria.

Tal presente lhe aparecia um preâmbulo para que ele pudesse ir até o mais esplendoroso *vin d'honneur*, enfim, para que seus sentimentos alçassem o vôo da liberdade. Os convivas, sabendo que as frutas vinham da parte de uma pessoa casada, denominaram-nas de “morangos adúlteros”. Rubião replicava que estavam enganados, embora sem mencionar o nome de Sofia. Não sabia ele que o convite era ideia do próprio Palha. Rubião acompanhou os convidados, Freitas e Carlos Maria, até o portão, momento em que o cão se aproximou, recebendo um pontapé do dono, “que o fez gritar e fugir” (ASSIS, 1994, p. 50). Ademais, o jovem Carlos Maria demonstrou-se intolerante com a presença do animal, afastando-o com repugnância.

No jantar, Palha havia convidado alguns amigos que aguardavam para conhecer o mais novo capitalista. Rubião, que chegara atrasado, só tinha olhos para Sofia. E, tendo olhares correspondidos, sentia-se amado e encorajado a revelar seus sentimentos. Um convite de Sofia para contemplar a lua foi a oportunidade que ele ansiava para declarar seu amor. Com vexame e aversão, Sofia ouviu o despropósito das suas palavras, “esteve a ponto de dizer alguma palavra áspera, mas engoliu-a logo, ao advertir que Rubião era um bom amigo da casa” (ASSIS, 1994, p.58), um bom e generoso amigo, considerando o número de presentes que já lhe havia concedido.

Antes do terceiro ponto do esteio analítico da obra, serão propostos a seguir dois pontos básicos para esse eixo de tríplice divisão, porque maior que o personagem é o desejo de riqueza dos seus mais recentes e nobres amigos.

O mendigo e o céu

Retornando para casa, perpassado de questionamentos acerca da confissão que havia feito, assistiu ao despertar de um mendigo que dormia nos degraus de uma igreja e acordava pelo barulho das vozes. O maltrapilho se sentou para olhar o que acontecia, depois voltou a se deitar, contemplando o céu. Rubião estava a lembrar-se dos olhos de Sofia, num misto de arrependimento e êxtase.

Onde vigorava a ambição desmedida por riquezas, as estratégias do jogo de interesses começam a passar por profundas alterações, o frágil capitalista perdia ainda mais a consciência da sua posição, em detrimento do seu ingênuo sentimentalismo. O mendigo ainda acordado fitava o céu, o imenso céu, sem êxtase, de barriga para o ar. O céu, por seu turno,

Fitava-o também, impassível como ele, mas sem as rugas do mendigo, nem os sapatos rotos, nem os andrajos, um céu claro, estrelado, sossegado, olímpico

[...]. Olhavam-se numa espécie de jogo do siso, com certo ar de majestades rivais e tranquilas, sem arrogância, nem baixeza, como se o mendigo dissesse ao céu:

- Afinal, não me hás de cair em cima.

E o céu:

- Nem tu me hás de escalar (ASSIS, 1994, p. 65).

A ordem se decompunha para o mineiro fragilizado diante da promessa de ser forte e implacável. Rubião olhava para o mendigo, mas eram os olhos de Sofia que buscava. Olhando para si e para o mendigo que conversava com o céu, apenas comparou seus cuidados com os dele, fato que “lhe trouxe à alma uma sombra de inveja. Aquele malandro não pensa em nada, disse ele consigo; daqui a pouco está dormindo, enquanto eu...” (ASSIS, 1994, p. 65-66). Julgava que o mendigo voltaria a dormir, contentando-se em estar sob o céu, enquanto ele, com tamanha inquietação, sabia que não conseguiria dormir naquela noite. Seus pensamentos eram maiores e mais altos do que as palavras afrontosas do mendigo e ultrapassavam quaisquer limites, rumo ao céu de Sofia.

Por meio desse episódio, céu e terra, poder e fragilidade, Rubião tinha diante de si encontro e desencontro. Necessário se fazia que ele tomasse consciência do seu espaço, da sua trajetória de capitalista, como acontecia aos demais personagens, que aos poucos, iam conquistando seus lugares sociais. Rubião, debaixo do céu de Palha, torna-se vítima da própria incapacidade de seguir, tendo como referência norteadora apenas o encanto dos olhos de Sofia, até a sucumbência, em cumplicidade com os objetivos do esposo.

Enquanto Rubião passava pela praça, absorto no seu caos interior, o mendigo continuava a fitar o céu, sabia não poder escalá-lo na sua incomensurabilidade, não poderiam se tocar. Se o céu esclarecia ao mendigo que ele não o podia escalar, o mendigo revidava, dizendo que nem o céu podia cair-lhe em cima.

Rubião queria que o céu viesse abaixo, queria escalar o céu de Sofia ou que ele viesse abaixo. Dessa vez, o arrependimento não lhe veio como na ocasião do testamento, o arrependimento se fazia ambíguo e parecia desaparecer diante dos seus desejos. “Que o céu viesse abaixo”!

A morte de um anônimo

No ardil da disputa, os novos conhecidos queriam apenas as posses de Rubião, mas era cortante o seu romantismo, como o era também a memória que trazia, ainda no retorno para casa: o enforcamento de um negro, cena a que vira há muitos anos. “O instante fatal foi realmente um instante, o réu esperneou, contraiu-se” (ASSIS, 1994, p.67-8). Foi também em um instante inesperado que Palha lhe propôs uma sociedade nos negócios.

Rubião não podia “compreender os [seus] algarismos” (ASSIS, 1994, p. 98), pediu-lhe um prazo de cinco dias, avaliou os gastos despendidos, mas se o marido de Sofia não aparentava ressentimento por seu gesto durante o último jantar, sentia-se obrigado a agradá-lo. Ademais, Palha garantia multiplicar o capital investido e Rubião sentia a necessidade de restituir os dispêndios feitos. Aceitou o convite e fê-lo “depositário dos [seus] títulos (ações, apólices, escrituras) [...] [Palha] Conhecia mais que o dono, a soma total dos bens, e assistia aos rombos feitos na caravela, sem temporal, mar de leite” (ASSIS, 1994, p. 139-140).

Impassíveis engrenagens, não avaliava lucros nem dividendos. Os rombos nos seus cabedais se alastravam, mas o armazém em que era sócio progredia. Começava a lapidar o túmulo dos seus sonhos. O enforcamento do negro lhe veio à mente, quando retornava para casa, antes da sociedade.

Palha e Sofia pertencem a uma camada provisória, a classe média desejosa de se elevar a outra categoria, mas ele [Palha] não era, por aceitação, homem da classe média. Seu inconformismo, inconformismo forrado de ambição, se mostrava na vida íntima, entre seus amigos (FAORO, 2001, p. 304).

Palha “tinha o faro dos negócios e das situações”. Em 1864, apesar de recente no ofício, adivinhou, – não se pode empregar outro termo, – adivinhou as falências bancárias” (ASSIS, 1994, p. 53-4), não averiguou menos habilmente a postura de desinteresse e desregramento de Rubião diante dos negócios. Quando os negócios prosperaram, tratou de se desfazer do sócio, não queria dividir os lucros do armazém. Palha já havia mudado da residência de Santa Teresa para uma no Flamengo e, naquela ocasião, dada a prosperidade financeira, “trazia apalavrado um arquiteto para lhe construir um palacete [em Botafogo]. Vagamente pensava em baronia” (ASSIS, 1994, p. 168). O casal progredia, enquanto a fortuna do incauto mineiro definhava, desordenadamente.

Rubião se tornou credor também dos seus comensais, pagava-lhes as dívidas sem obter a quantia de volta, ou porque ele próprio lhes perdoava ou porque os devedores não davam importância à restituição. Os comensais que começaram em número de quatro ou cinco foram se multiplicando, adentravam a casa com total liberdade até mesmo na ausência do proprietário, tinham o seu consentimento para almoçar, jantar, usufruir dos charutos, enfim para sentirem-se em casa, impondo até mesmo funções aos criados.

Na esgrima da convivência, Rubião perdia, gradativamente, o controle da situação, tornando-se vítima da exploração de todos que dele se aproximavam e, não ponderando mais lances ou golpes, era submetido de modo indefeso ao ataque. A recriação de uma

sociedade que se perde em desejo de poder foi plasmada por Machado de Assis, tal como na reflexão de Hobsbawm:

Na ‘luta pela existência’ que forneceu a metáfora básica do pensamento econômico, político, social e biológico do mundo burguês, somente os ‘mais capazes’ sobreviveram, sendo sua ‘capacitação’ comprovada não apenas por sua sobrevivência, mas também por sua dominação (HOBSBAWM, 2004, p. 171).

Rubião dissipava seus bens aleatoriamente, pagava até mesmo algumas dívidas dos comensais sem que eles soubessem, para que não se sentissem constrangidos com sua atitude: títulos de diversas congregações, incontáveis mensalidades, até mesmo “assinava jornais sem os ler” (ASSIS, 1994, p. 174).

O jornal *Atalaia*, que não estava no rol dos jornais não lidos, era outro canal por onde o dinheiro de Rubião se esvaía. Dirigido pelo bacharel e ex-deputado Dr. Camacho, o jornal era denominado de órgão do partido, embora fosse de oposição e criticasse a violação das leis. Camacho era um simulador de influência e de inconstante posicionamento, “agregou-se a vários grupos, segundo lhe parecia acertado [...] para simular influência, tratava familiarmente os poderosos do dia (ASSIS, 1994, p. 82). Sua intenção era tornar Rubião um deputado e, incitando sua candidatura, Camacho adquiria o capital para colocar a *Atalaia* em circulação, pondo-lhe a faísca do sucesso político, que “foi ardendo de si mesma, [...] de ambição ingênua, de cordial certeza, [que lhe dava a] visão antecipada e deslumbrante das grandezas” (ASSIS, 1994, p. 144). Deslumbramento de ascensão política, de grandezas e de glórias impeliram Rubião a atos inconsequentes que geraram a sua desintegração mental e econômica.

E a queda de Sofia? Sim, caiu de um cavalo, quando passeava em Tijuca, ao lado do esposo e de Rubião. Ao chegar à sua casa, mostrou-se muito preocupada se teria caído descomposta, mas o marido acudiu, jurando que nada ficou exposto, senão a ponta da bota. Jurou “subindo de sagrado em sagrado [...] [Juro] por Deus; não bastou. Juro por você; está satisfeita?” (ASSIS, 1994, p. 181). A devoção do marido compensou o incômodo do tombo, ascendeu, ficou satisfeita.

MARCHA PARA A LUA

O espectro deste terceiro eixo analítico abrange do capítulo 145 até o final do romance. Abrange desde os episódios nos quais Rubião é ultrapassado e retirado do *campo de batalha*. Não se ajustando ao meio, ele é desprovido dos seus bens que herdou e expulso de cena.

As perspectivas de Rubião, que já tinha seu capital defraudado, perdiam-se em vasta dimensão. As sucessivas e irreparáveis perdas financeiras, o fracasso da candidatura a deputado proposta por Camacho, bem como a intangibilidade das aspirações amorosas levaram-no a devaneios: “rompera o teto e se perdera no ar. A quantas léguas iria? Nem condor nem águia o poderia dizer. Em marcha para a lua” (ASSIS, 1994, p. 181-182), ia em busca de realizar seus sonhos perdidos.

A loucura foi cobrindo a sua débil existência. O major Siqueira, que lhe foi apresentado por Palha, aconselhou Rubião a arranjar um casamento – ouviu uma voz que dizia: “E por que não?” (ASSIS, 1994, p. 109). Rubião tinha em torno de si apenas o cão, lembrou-se do amigo Quincas Borba, ao lhe explicar sua filosofia denominada Humanitismo. Afirmava que havia apenas um único princípio universal que estava em todas as coisas, indagou a si próprio se não seria então o espírito do velho amigo no corpo do cachorro, mas foi levado a desdenhar de tal devaneio. Sua atenção voltou-se apenas para o conselho que lhe foi dado pelo major Siqueira: “O senhor é feliz, mas falta-lhe aqui uma coisa; falta-lhe mulher. O senhor precisa se casar” (ASSIS, 1994, p. 108).

Mas “antes de cuidar da noiva, cuidou do casamento [...] Carruagens após carruagens” (ASSIS, 1994, p. 111). Várias noivas se alternavam nessas quimeras de bodas, “o pior é que todas traziam a cara de Sofia” (ASSIS, 1994, p. 113), sem descuidar dos detalhes de luxo e de nobreza. As noivas tinham os nomes sonoros. “Eis aqui a explicação: poucas semanas antes, Rubião apanhou um almanaque de Laemmert, e, entrando a folheá-lo, deu com o capítulo dos titulares” (ASSIS, 1994, p. 112). As cenas fantasiadas se enchiam de honrarias, então Rubião passou a presentear os conhecidos com os mais variados títulos da ascensão nobiliárquica.

Rubião ao entrar no reino dos sonhos, do qual não sairia mais, deixa-se embair pelo ardil nobiliárquico. Imaginou-se, numa sociedade de barões [...] Era o delírio da nobreza, sombra e imagem da ambição nobiliárquica, doença que teria contaminado o nosso Império, tão pródigo de títulos, extravagante na sua liberalidade (FAORO, 2001, p. 41-42).

Títulos, palácios, pompas matrimoniais, delírios ecoavam e “o espírito de Rubião pairava sobre o abismo” (ASSIS, 1994, p. 113). Intensificaram-se os devaneios que lhe traziam a obsessiva convicção de que era o imperador francês Napoleão III, e Sofia, sua imperatriz Eugênia de Montijo. As fantasias avançavam tomando-o, a princípio, por períodos breves, contudo não tardaram a convulsionar toda a sua existência.

Da falência à loucura, eis que Rubião estava fora de si, fora dos círculos de conversas, dos salões, do meio daqueles que lucraram à custa do capital que lhe pertenceu.

Todos os comensais e bajuladores começaram a desprezá-lo. Restou-lhe o degredo para um casebre e deste para a casa de saúde, onde Palha o colocou, tomando o caso como “uma grande *amolação* [...] Um aborrecimento dos diabos” (ASSIS, 1994, p. 201).

O devaneio de ser o imperador Napoleão III colocava sob seu controle os que o bajularam e o arruinaram. Era um vencido que se julgou, um dia, vencedor. Em oblíqua trajetória, foi devolvido a Barbacena, fugindo da casa de saúde. Fugiu acompanhado do único companheiro que lhe restou, o fiel Quincas Borba. A familiaridade paisagística da cidade mineira lhe restituiu, por instantes, migalhas de lucidez que se esvaíram como as águas da chuva que corriam ladeira abaixo.

A meia rua, acudiu à memória do Rubião a farmácia, voltou para trás, subindo contra o vento, que lhe dava de cara; mas ao fim de vinte passos, varreu-se-lhe a ideia da cabeça; adeus, farmácia! Adeus pouso! Já se não lembrava do motivo que o fizera mudar de rumo, e desceu outra vez, e o cão atrás, sem entender nem fugir, um e outro alagados, confusos, ao som da trovoada rija e contínua (ASSIS, 1994, p. 234).

Distintamente do êxodo, retornou para Barbacena, enovelado por uma trágica e completa degradação. Quincas Borba seguia os passos do dono. Torna-se difícil distinguir, tal como reconheceu Alfredo Jaques, o que se tornou mais dilacerante neste epílogo: “se a inquietação do animal, sentindo instintivamente a loucura do amo, ou se a euforia da demência do homem, no paroxismo do delírio” (JAQUES, 1974, p. 71).

A ironia da visão machadiana subverte a função orgânica dos membros inferiores do personagem que se julgou rico, detentor de algum comendo sobre si:

As pernas tinham feito tudo; elas é que o levaram por si mesmas, direitas, lúcidas, sem tropeço, para que ficasse a cabeça tão-somente a tarefa de pensar. Boas pernas! Pernas amigas! Muletas naturais do espírito!
Santas pernas! Elas o levaram ainda ao canapé, estenderam-se com ele, devagarinho, enquanto o espírito trabalhava a ideia do casamento (ASSIS, 1994, p. 109-110).

Os pensamentos desajustados os distanciavam do que pretendeu ser; as pernas, por seu turno, levaram-no a lugares mais tangíveis, devolveram-no à sua Barbacena. Elas o guiavam pelas ruas da velha cidade. Do canapé da casa de Botafogo, os passos largos da inexatidão os colocaram em fuga com sua amada Sofia, para que pudessem se amar livremente e unirem-se em casamento: “um modo de restituir à vida a unidade que perdera, com a troca do meio e da fortuna” (ASSIS, 1994, p. 110).

Das ladeiras por onde as pernas o levavam a subir e a descer, escorregaram o cansaço e o desânimo. Foi a comadre Angélica, amiga de outrora, que o reconheceu ao vê-

lo passar defronte a porta da casa e o acolheu. Em decorrência da chuva, uma febre o abateu, intensificando os devaneios. A unidade que lhe poderia ser restituída por estar de volta ao seu meio, desfez-se irremissivelmente, quando ao pegar uma coroa imaginária, Rubião colocou-a sobre a cabeça, nobilitando o imperador que se julgava ser – coroou-se em uma letal ostentação. “Não morreu súbdito nem vencido. [...] A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação (ASSIS, 1994, p. 236). Rubião, que temia a opinião pública, abdicou da própria lucidez, para não se ver como um vencido. A loucura o permitiu escapar à própria decadência. Morreu amparado pela loucura e o cão, herança que lhe restou, “fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois” (ASSIS, 1994, p. 236). Morreu para não romper os laços com o dono, acompanhando-o à morte, única referência de fidelidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta tripartida de análise aqui apresentada manteve-se alinhada ao processo de reflexão social proposto no contexto no qual são plasmados os episódios do romance. Observando os aspectos sociais estilizados na tessitura da obra, vale retomar o episódio do mendigo que um “jogo de siso” com o céu faz lembrar as ingênuas cobiças de Rubião em meio ao seu *campo de batalha*.

Rubião esteve na corte como um capitalista, mas por não dominar as regras do sistema, falha e sucumbe. Julgou, ainda, que seu capital lhe renderia glórias e que poderia chegar a alturas cada vez mais elevadas na escala social. O sentimento de posse e de vitória o levou a pensar que poderia ser um capitalista em progresso, mas foi vencido pelos exploradores da sua incapacidade diante das competições sociais. Analogamente, ao que disse o céu ao mendigo, a elite poderia lhe dizer: não me haverás de escalar.

A loucura o poupou de enfrentar o declínio. Julgando-se um imperador, permaneceria na glória e na grandeza, os devaneios não lhe permitiram tomar consciência do mendigo que se tornou. Não pode escalar o céu da profissão, dos negócios ou da vida amorosa, mas o céu caía-lhe em cima sob forma de tempestade. A “chuva batia-lhe sem misericórdia” (ASSIS, 1994, p. 234), provocando, sua morte. Não pôde mais ver as estrelas rutilantes ou mesmo contemplar o Cruzeiro que, em mais uma investida fracassada, um dia sonhou transformá-lo em símbolo mediador entre ele e a amada sempre distante e adiada, porque era mais um fluxo do seu devaneio.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: FTD, 1994.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1999.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital: 1848-1875**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JAQUES, Alfredo. **Machado de Assis: equívocos da crítica**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

Como citar este artigo:

ABNT:

RIBEIRO, F. A cobiça e o colapso na Marcha de Rubião em *Quincas Borba*. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 7, e202137, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202137>>. Acesso em: 30 dez. 2021.

APA:

Ribeiro, F. A cobiça e o colapso na Marcha de Rubião em *Quincas Borba*. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 7, e202137. Recuperado em 30 dezembro, 2021, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202137>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2021, Universidade Federal do Maranhão.

